

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Carolina Lorenzeto Terra

**MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA: O CASO SOBRE O BAIRRO DE BENFICA EM
JUIZ DE FORA (MG)**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. André Barcelos Damasceno Daibert

Juiz de Fora

2017

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Carolina Lorenzeto Terra, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 20172014A , declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA: O CASO SOBRE O BAIRRO DE BENFICA EM JUIZ DE FORA (MG)** , desenvolvido durante o período de 22 de agosto de 2016 a 25 de janeiro de 2017 sob a orientação de André Barcelos Damasceno Daibert, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

CAROLINA LORENZETO TERRA

MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA: O CASO SOBRE O BAIRRO DE BENFICA EM JUIZ DE FORA (MG)

MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA: O CASO SOBRE O BAIRRO DE BENFICA EM JUIZ DE FORA (MG)

Carolina Lorenzeto Terra¹

RESUMO

O bairro Benfica, localizado na zona norte da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, reúne cenários e espaços apropriados para a construção de significados, possuindo um acúmulo de bens culturais, que constituem o imaginário local. Os lugares de Benfica possuem uma história, que contribui para a sua interpretação atual e que nos possibilita reflexões sobre o local e a identidade cultural. Pretendo neste trabalho, mostrar as relações entre a memória do bairro Benfica, contada a partir de seus moradores, e o sentimento de identidade cultural a partir da análise do papel da antiga FEEA (Fábrica de Estojos e Espoletas para Artilharia), atual FJF (Fábrica de Juiz de Fora) pertencente à IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil).

PALAVRAS-CHAVE: Benfica; Memória; Identidade; História; FEEA; FJF; IMBEL

ABSTRACT

The Benfica neighborhood, located in the northern part of the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, gathers scenarios and spaces appropriate for the construction of meanings, possessing an accumulation of cultural assets, which constitute the local imaginary. The Benfica places have a history that contributes to their current interpretation and that allows us to reflect on the place and the cultural identity. In this work, I intend to show the relations between the memory of the Benfica neighborhood, told from its inhabitants, and the feeling of cultural identity from the analysis of the role of the former FEEA (Factory of Cases and Fuzes for Artillery), current FJF (Factory Of Juiz de Fora) belonging to IMBEL (Brazilian Armaments Industry).

KEY WORDS: Benfica; Memory; Identity; History; FEEA; FJF; IMBEL

1. INTRODUÇÃO

Iniciando do entendimento de que a memória tem uma dinâmica própria, mas se relaciona fundamentalmente com a identidade, com a cultura, e com o sentimento de pertencimento, o que me interessa analisar a partir do seguinte trabalho é o processo de formação da memória do bairro Benfica, a partir da influência que a antiga FEEA, pertencente à IMBEL, trouxe para a formação e evolução de suas expressões identitárias e culturais, ao longo da história.

Para tal, adotei para o presente artigo, a elaboração de um trabalho sistemático de levantamento e seleção de documentação de informações referentes à memória do bairro Benfica, a partir de consulta a teses de pós-graduação, análise de documentário, livros e à revista comemorativa de oitenta anos da IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil), atual FJF (Fábrica de Juiz de Fora), de modo a retratar a memória e o processo de formação da identidade cultural do bairro, a partir da história do mesmo, e de relatos dos próprios moradores que consideram Benfica uma “verdadeira cidade”.

Começarei abordando o conceito de lugares de memória, a partir de autores como Nora, que em sua obra “Entre Memória e História- A Problemática dos Lugares” trata sobre a memória e a história que habita em um grupo e sua relação com certos aspectos identitários, e Pollak, que em sua obra intitulada “Memória, Esquecimento, Silêncio” traz um diálogo sobre as manifestações da memória coletiva. Dessa forma, explicarei a história do bairro Benfica, narrada tanto no documentário “Benfica da Gente”, como na tese de pós-graduação de Junqueira, em seu trabalho intitulado “Benfica da gente: elos entre memórias do passado e memórias do futuro”, fazendo um comparativo com diversos autores, como Silva, que em sua dissertação de mestrado “BENFICA: subúrbio ferroviário, industrial, militar e operário” mostra o desenvolvimento urbano e industrial de Benfica a partir da antiga FEEA (Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia), atual IMBEL-FJF; contestando também com

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: lorenzetcaraolina@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. André Barcelos Damasceno Daibert.

a revista comemorativa de oitenta anos da fábrica, intitulada “80 anos IMBEL” do ano de 2014, para analisar a relação existente entre a memória e a história do bairro Benfica.

2. BENFICA

O Bairro surgiu a partir da fazenda Benfica, por volta de 1847, propriedade que pertenceu ao então vereador Francisco Martins Barbosa, em meados do século XIX. De acordo com Silva (2015 p.25), a construção da Estação Ferroviária de Benfica (1877) é o marco histórico inicial para se compreender o início da formação do subúrbio na cidade, pois a partir da implantação da ferrovia, houve a transformação do espaço rural, com a consequente formação do subúrbio.

Atualmente, a região de Benfica abrange os bairros Benfica, Distrito Industrial, São Damião, Araújo, Ponte Preta, Vila do Sapê, Nova Benfica, Vila Esperança I e II, compreendendo assim, uma extensa área de 881,12 hectares, com uma grande população de 18.111 habitantes².

De acordo com Junqueira (2013), o povoamento da região de Benfica acontece significativamente, durante o período getulista, época em que sediava a Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA), cujas obras se iniciaram em 9 de agosto de 1934. Em 1968, a região deixou de ser um distrito para tornar-se efetivamente um bairro. Contudo, a ideia de que Benfica deveria ser uma cidade povoada o imaginário da população.

Segundo Silva (2015), Benfica exerce em um primeiro momento uma função rural, desenvolvendo uma indústria associada à pecuária que se mantém do século XIX até aproximadamente as primeiras décadas do século XX, sempre em transformação. Para o autor, o processo de fragmentação das fazendas (que ocorreu no início do XX e intensificou o processo de ocupação e a transformação desse espaço), se deu de forma ainda mais intensa a partir da chegada da indústria bélica, impondo uma reestruturação do espaço e acrescentando uma nova função ao subúrbio que, de rural e comercial passa a desempenhar a função industrial. Como esclarece Silva (2015, p.124).

O rural e o urbano vão se misturando até que o desenvolvimento do processo histórico de transformação do espaço produz novas formas que deixaram um rural evoluído, avançado e produtor de uma mais valia. Resultado de um processo de acumulação de capital e poder que possibilita a *vida urbana* em sua plenitude para as elites e diferentemente para os outros grupos sociais, como negros e imigrantes trabalhadores, que vão montar esse mosaico social e cultural na cidade. O urbano passa a ser a forma de diferenciação do espaço, do centro político, industrial, comercial, de lazer com seus teatros, templos religiosos e prédios administrativos. Em um primeiro momento de desenvolvimento do processo produtivo de economia liberal, privada, católica, racista e desigual, darão os ares desse urbano enquanto marca de uma classe e quase que privativo no usufruto de seus benefícios, símbolo de exclusividade e desigualdade social.

Conforme a explicação, a região de Benfica se delimita da seguinte maneira:

² Dados obtidos através do portal da Prefeitura do município de Juiz de Fora. < https://pjf.mg.gov.br/cidade/mapas/mapa_norte.php>. Acesso em 24 de outubro de 2016.

Figura 1: Mapa da Região de Benfica



Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Benfica,+Juiz+de+Fora+--+State+of+Minas+Gerais/@-21.6869458,-43.4459683,14z/data=!4m5!3m4!1s0x989e565576616d:0x2829c79561b2cb15!8m2!3d-21.6903284!4d-43.4403973>. Acesso em 23 de Nov. 2016.

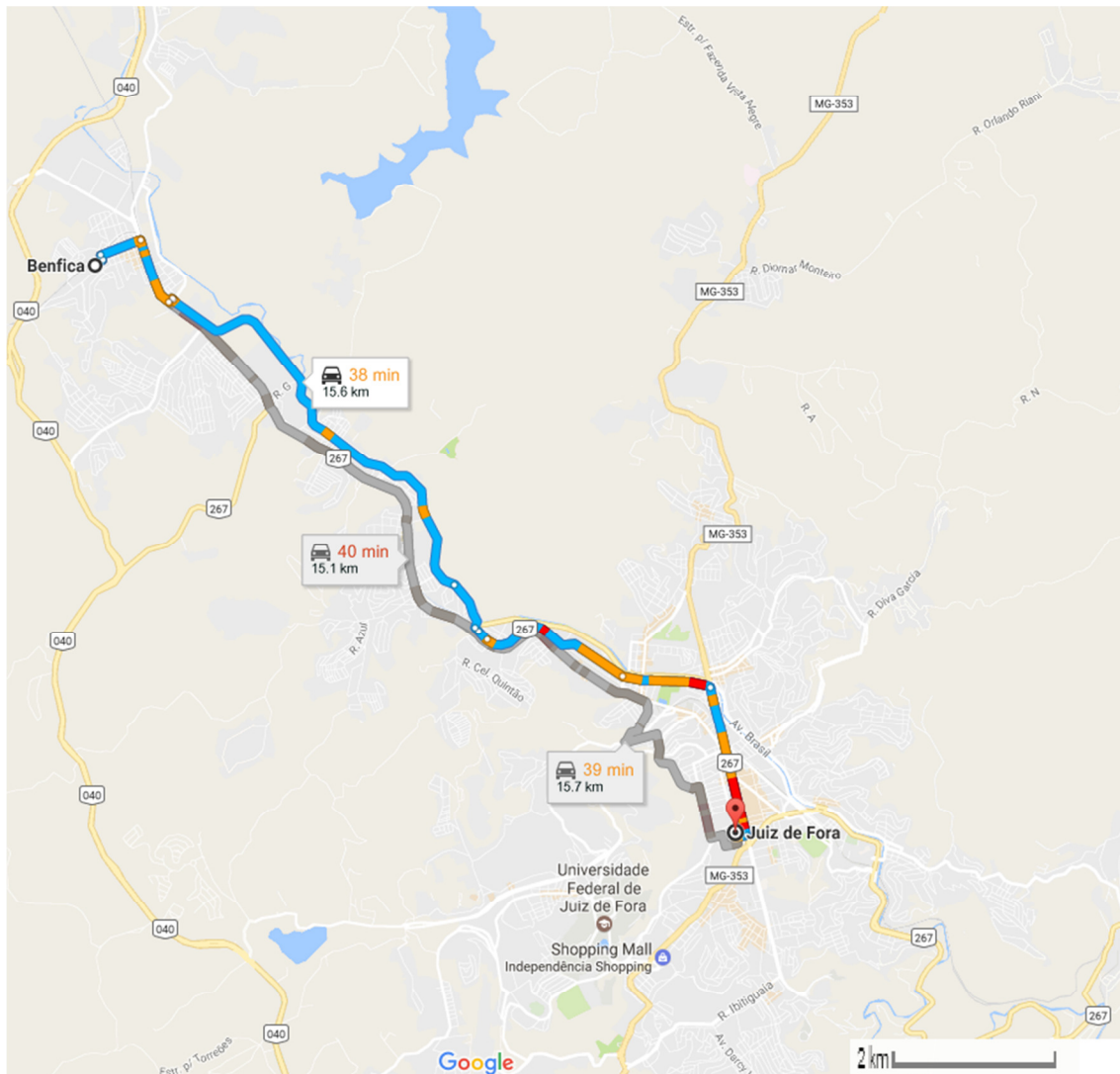
Na visão de Junqueira (2013, p.25), o povoamento da região de Benfica acontece significativamente, durante o período getulista, época em que sediava a Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA), cujas obras se iniciaram em 9 de agosto de 1934. Em 1968, a região deixou de ser um distrito para tornar-se efetivamente um bairro. Contudo, a ideia de que Benfica deveria ser uma cidade povoa o imaginário da população.

De acordo com Silva (2015 p.123-124), Benfica exerce em um primeiro momento uma função rural, desenvolvendo uma indústria associada à pecuária que se mantém do século XIX até aproximadamente as primeiras décadas do século XX, sempre em transformação. Para o autor, o processo de fragmentação e das fazendas (que ocorreu no início do XX e intensificou o processo de ocupação e a transformação desse espaço), se deu de forma ainda mais intensa a partir da chegada da indústria bélica, impondo uma reestruturação do espaço e acrescentando uma nova função ao subúrbio que, de rural e comercial passa a desempenhar a função industrial. Como esclarece Silva (2015, p.124)

Para Junqueira (2013, p.135), a distância entre Benfica e o centro do município de Juiz de Fora, é um ponto crucial para se compreender a relação entre o intenso fluxo populacional que ali habita e a demanda por serviços e infraestrutura urbana que seja capaz de atender a necessidade da população, que ao mesmo tempo em que sente a carência desses serviços, que majoritariamente são ofertados no centro, também reconhece as qualidades do bairro, que o tornam como uma verdadeira “cidade independente”.

Na figura a seguir, é mostrada a distância de Benfica até o Centro de Juiz de Fora:

Figura 2: Mapa da distância de Benfica até o Centro



Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Benfica,+Juiz+de+Fora+-+MG/Juiz+de+Fora+-+Centro+-+MG/@-21.7492251,-43.4707065,21346m/data=!3m1!1e3!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x989e565576616d:0x2829c79561b2cb15!2m2!1d-43.4403973!2d-21.6903284!1m5!1m1!1s0x989b605912db05:0xb71ec7f706d89a4d!2m2!1d-43.35039!2d-21.76455>. Acesso em 20 de Jan. 2016.

3. A FÁBRICA DE ESTOJOS E ESPOLETAS PARA ARTILHARIA (FEEA)

3.1 História:

A IMBEL foi criada na primeira metade dos anos de 1930, quando o governo brasileiro presidido por Getúlio Vargas teve a iniciativa de investir fortemente na industrialização do país, até então dependente quase que exclusivamente da economia rural.

A partir do Decreto 23.264, de 20 de dezembro de 1933, foi criada a Fábrica de Estojos e Espoletas para Artilharia (FEEA) em Juiz de Fora, encarregada da produção de estopilhas para bombas de avião e pelo carregamento dos estojos e projeteis de artilharia e bombas de aviação.

A inauguração oficial se deu em 1938, ano em que estourou a Segunda Guerra Mundial, conflito o qual, teve reflexos diretos sobre a FEEA, pois a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi responsável pelo aumento considerável da produção da fábrica. Vale ressaltar que em 1939, por determinação do Ministério da Guerra, a FEEA passou a se chamar Fábrica de Juiz de Fora. Segundo a revista, A IMBEL-Fábrica de Juiz de

Fora, oitenta anos depois ainda é conhecida e popularmente chamada de FEEA, o nome que recebeu em 1934 (IMBEL 80 anos. 2014 p.7-8).

Dentre as recordações que os moradores do bairro têm em relação à fábrica fazem parte, as “boas” e as “ruins”, como a dolorosa lembrança do dia 7 de março de 1944, em que às 8h30min, uma grande explosão na oficina 4, provocou o óbito de 14 funcionários, dentre os quais 11 eram mulheres, e ferimentos em mais de uma centena de pessoas, o que fez com que nos dias atuais, ao lado do que foi a oficina 4, tenha sido erguido um memorial em homenagem às vítimas da explosão (IMBEL 80 anos. 2014 p.8). As boas lembranças giram entorno da construção da escola, do clube social, do cinema e da maternidade, todos construídos pela fábrica (IMBEL 80 anos. 2014, p.8).

Expedites Jorge da Silva tem 68 anos de idade, é assistente administrativo, e está há 49 anos na IMBEL-FJF. Dites, como é tratado pelos colegas, é de um tempo em que a fábrica era a principal geradora de riquezas na região do bairro Benfica, na Zona Norte de Juiz de Fora, onde está localizada a empresa. Segundo ele, Benfica cresceu com a empresa. “As pessoas, o comércio, a vida de Benfica estavam estreitamente ligados à IMBEL ou FEEA, como era conhecida na região. Aqui só se falava da fábrica. Posso dizer que 70% de todo o dinheiro que circulava em Benfica vinha da IMBEL. Eram muitas famílias que dependiam diretamente dela”, recorda. (IMBEL 80 anos, pag.8).

Silva (2015 p.91) afirma que não se pode omitir que o exército foi o agente de uma política industrial que produziu o primeiro espaço industrial-urbano na região norte de Juiz de Fora. Para o autor (pag.129), A FEEA está inserida num contexto de transição do modo de vida rural para o urbano e industrial. A partir da FEEA, Benfica, passa a desempenhar uma nova função, a de espaço industrial, em bairro residencial. Assim, Silva (2015 p.149) diz:

Com a chegada da FEEA existe uma ruptura com o principal modelo produtivo local que era o agrário. Com a fábrica se dá a passagem do agrarismo para o industrialismo, a produção do espaço passa a ter um outro agente produtor do espaço, o Estado via militares. Os fazendeiros passam a ter acesso a renda fundiária, a partir do parcelamento de suas fazendas e uma transformação do seu capital, seu poder e controle do espaço.

Silva (2015) trata que a FEEA desempenha várias funções, não só para a produção de estojos e espoletas de artilharia, mas como uma grande fábrica que atendesse aos aspectos urbanos e da sociedade, pois ao longo dos anos, serviu até mesmo para a fabricação de tijolos, produção de alimentos, sendo que inicialmente abrigava no seu espaço, a maternidade, escolas, área para a prática de esportes, como o futebol. Adiante, Silva (2015, p.30) continua suas ponderações sobre a fábrica:

A fábrica muda a forma de pensar o espaço e a vida do trabalhador, do seu movimento no espaço e da sociedade ao seu redor. Todas as instâncias da vida social eram pensadas em conjunto, simultâneas, se concretizaram em tempos diferentes, mas se conjugaram, fazendo parte de um pensamento de Estado que transforma espaço e sociedade e consolida a função operária, industrial e militar em Benfica.

4.CONTRIBUIÇÕES DA FEEA PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO

De acordo com Silva (2015, p.123), o subúrbio de Benfica em comparação com o centro da cidade que se industrializa e se urbaniza intensamente em fins do século XIX, exerce em um primeiro momento a função de espaço rural na divisão territorial do trabalho, desenvolvendo uma indústria associada à pecuária que se mantém do século XIX a aproximadamente as primeiras décadas do século XX. Já a processo de fragmentação e parcelamento das fazendas, ocorrida no início do XX teria segundo o autor, intensificado o processo de ocupação e a transformação desse espaço, que se deu de forma ainda mais intensa com a chegada da FEEA, reestruturando o espaço e acrescentando uma nova função ao subúrbio: a função industrial. Dessa forma, o autor explica que:

Através do estudo da sociedade, juntamente com os objetos, as ações, os agentes, a produção do espaço, o arranjo estrutural, as ideologias, a cultura e as políticas que se pode chegar às particularidades e singularidades da formação social e da forma de estruturar o espaço, organizar, distribuir as pessoas, os grupos sociais e as classes nos espaços da cidade (SILVA 2015 p.122).

Junqueira (2013, p.55) ressalta que o projeto getulista causava implicações no imaginário nacional por meio da produção simbólica em seus aparatos institucionais (legislação, educação, burocracia), visando a disseminação de uma vontade coletiva de construção da pátria, uma convicção compartilhada de nacionalidade e por isso, a indústria da guerra, por conseguinte, tornou-se um vetor de desenvolvimento. Neste período, o povoamento da região de Benfica se intensificou, pois a antiga fazenda, já dividida entre novos proprietários, sediava a Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA). As obras se iniciaram em 9 de agosto de 1934, no governo provisório. Esta foi a “pedra fundamental” da urbanização de Benfica.

Silva (2015) discute que a FEEA é o símbolo da materialização da ideologia e da política do Estado que surge com Getúlio Vargas e o exército brasileiro no período pós-revolucionário de 1930, o que demonstra uma lógica diferenciada do processo urbano-industrial ocorrido no centro da cidade durante o século XIX ancorada em uma ideologia política de não se construir somente a fábrica, mas novas relações sociais, que impulsionassem a transição não apenas do espaço, mas também de homens e mulheres trabalhadores e trabalhadoras da fábrica, a partir dos canteiros de obras, que atraíram meeiros, imigrantes, negros e negras, trabalhadores rurais para a fábrica.

Para Silva (2015, p.30), a fábrica constitui o marco da mudança social e do espaço, desempenhando várias funções, não só para a produção de estojos e espoletas de artilharia, mas como uma grande fábrica que atendesse aos aspectos necessários para a transformação do espaço e da sociedade. A fábrica ao decorrer do tempo, abrigou desde um centro de fabricação de tijolos, de produção de alimentos, até uma maternidade, e escolas, áreas para a prática de esportes, principalmente o futebol, transformando tanto o espaço como a vida do trabalhador, e da sociedade ao seu redor, uma vez que a vida social era totalmente pensada em conjunto, juntamente com o Estado.

Na perspectiva da revista (IMBEL 80 anos. 2014 p.25) uma das contribuições da fábrica foi o Ginásio Coronel Felício Lima, construído em 1958, fundado por um grupo de professores que procurou a direção da antiga FEEA (hoje IMBEL-FJF) e ficou acertado que a fábrica cederia o local em troca de abatimento nas mensalidades dos filhos dos servidores, e que o mesmo receberia o nome de Ginásio Coronel Felício Lima. Entrando em funcionamento em 1959, O ingresso se dava através de uma prova, após o aluno fazer um curso de admissão que durava de seis meses a um ano. A escola foi a primeira particular e também a primeira de ensino médio da Zona Norte.

A FEEA também construiu a “Maternidade General Florêncio de Abreu”, inaugurada em 18 de Agosto de 1949. Fechada em 28 de novembro de 1961, foi reaberta em setembro de 1965, funcionando até 1972. Instalada em um dos prédios da atual IMBEL, de frente para a Avenida Garcia Rodrigues Paes (Acesso Norte), contribuindo para os nascimentos no bairro, pois, antes de ser criada, a maioria dos nascimentos em Benfica acontecia nas residências. As parteiras mais solicitadas no bairro eram a Dona Maria Catarina Barbosa e Dona Sebastiana. A revista (IMBEL 80 anos. 2014, p.26) lembra que em 22 de setembro de 1949, nasceu a primeira criança na maternidade: a menina Márcia(...), depois de Márcia outras 500 crianças nasceram ali.

Um exemplo de nascimento na fábrica descrito na revista (IMBEL 80 anos. 2014 p.18) é o de Valéria Tonione Fernandes, Auxiliar Técnico Administrativo da Fábrica, nascida em 11 de abril de 1970, dentro da Fábrica Juiz de Fora, onde hoje é a Divisão de Medicina do Trabalho e Meio Ambiente (DIMA) e a Seção de Apoio. Naquela época, os serviços que atendiam os funcionários da IMBEL, estendiam-se à comunidade de Benfica.

Conforme visto na revista comemorativa (IMBEL 80 anos. 2014, p.26), a atual IMBEL-FJF, conta com um conjunto formado pelas praças Duque de Caxias, Almirante Tamandaré e Santos Dumont construído pela extinta Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia do Exército-FEEA/FJF em seu terreno. O monumento ao Almirante Tamandaré foi oferecido pelo Ministério da Marinha, inaugurado em 31 de Maio de 1951; sendo que outra contribuição cultural da fábrica foi a inauguração em 12 de Fevereiro de 1949 do Cine-Teatro Auditorium com a projeção do filme ASAS DO BRASIL, com Oscarito e Celso Guimarães, da Companhia Cinematográfica Atlântida, marco importante para a vida comunitária na região.

5. MEMÓRIA, IDENTIDADE “BENFIQUENSE” E HISTÓRIA

Segundo Nora (apud VIANA, 2009, p. 47) “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” constituindo assim, pontos de referência materiais, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida; funcionais, porque são capazes de sustentar as lembranças coletivas e permitir sua transmissão; e simbólicos, pois caracterizam acontecimentos ou experiências vividos por um pequeno número de pessoas, mas que fazem parte da memória de muitas.

Pollak (1989, p.9) define a memória, como sendo uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, associada à tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes, tais como partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc , mantendo a coesão interna e defendendo as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o Estado.

A partir da perspectiva de Nora (1993), sobre lugares de memória, torna-se possível compreender Benfica como sendo um “lugar de memória”, enquanto lugar dotado de significados materiais, simbólicos e funcionais. Nora (1993, p.27) entende que os lugares são nosso momento de história nacional. E o autor prossegue:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p.13).

De um lado, a lembrança individual é uma somatória de experiências vividas ou narradas, que são apreendidas ou não por meio de critérios, objetivos ou subjetivos, no quadro de cada personalidade singular (GOULART; PERAZZO; LEMOS, 2016). Por outro lado, existe um conjunto de lembranças compartilhadas com outras pessoas ou grupos e que se tornam impessoais (HALBWACHS,1990). A memória coletiva resulta de trocas culturais ou culturas, possui ritmos e espacialidades particulares, retendo do passado somente aquilo que for capaz de permanecer na consciência do grupo que mantém a memória coletiva.

Os lugares de memória, podem estar ancorados no espaço físico, mas o investimento simbólico, sempre subjetivo, demonstra o peso da significação atribuída pelos objetivos de grupos específicos (VIANA, 2009). Muito se discute em torno da fragmentação das identidades culturais nacionais e do deslocamento dos sujeitos na sociedade. Para Hall (2005, p.13), a identidade é definida historicamente e “o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Segundo Barreto (2003), em Benfica, a memória serve como um meio para comunicar e mediar a construção identitária dessa comunidade.

Partindo do documentário “Benfica da Gente” de 70 minutos, elaborado a partir de entrevistas a idosos e adolescentes, torna-se possível compreender melhor as memórias do bairro, remontando à FEEA, atual IMBEL-FJF, como um importante símbolo para o desenvolvimento social e econômico do bairro, a partir de alguns depoimentos.

Para a realização do mesmo, primeiramente foram entrevistadas as pessoas idosas. Segundo Junqueira (2013 p.100), tal procedimento faz com que os entrevistados apresentem descrições semelhantes do lugarejo da sua infância como as poucas casas, os bois, a balança de gado e as ruas de terra habitam suas lembranças.

Após 12 minutos e 06 segundos, o documentário apresenta o depoimento de Filinto de Andrade que afirma que “Benfica cresceu ao redor da FEEA”. Filinto, diz: “Antes da FEEA , Benfica era uma estrutura de Gado de leite e depois da FEEA tornou-se um bairro industrial e comercial. É mostrado no vídeo também o grande “boom” da produção de peças durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo período (anos 40),

Benfica teve um grande impulso em seu desenvolvimento, como é mostrado aos 30 minutos e 26 segundos, e bem explicado pelos demais depoimentos sobre o surgimento do entorno, como o surgimento do bairro Ponte Preta, Distrito Industrial, Vila Esperança I e II, Nova Benfica, etc.

Aos 32 minutos e 35 segundos, o Coronel José Souza Ribeiro, relembra que na região em frente à FEEA todas as casas pertenciam aos funcionários da fábrica e que com o passar do tempo foram vendidas e compradas por outras pessoas, ao passo que as casas do Bairro Araújo eram feitas de sapé. Dona Lurdes Berg acrescenta aos 32 minutos e 10 segundos que antigamente o Bairro Araújo, (região próxima à fábrica) não era um bairro, era só mato”.

Os depoimentos contidos no documentário Benfica da Gente relatam sua história, suas memórias, dentre as quais, as lembranças da antiga FEEA, (atual IMBEL-FJF), chegando à conclusão do morador Vicente Teixeira na qual Benfica “é um bairro também que... [pausa] que hoje mete medo, conforme qualquer, qualquer cidade”. São retratadas também a capoeira, a dança, uma festa religiosa e a escola de samba local chamada “Rivais da Primavera”.

As memórias da antiga FEEA são lembradas também por Dona Otilha, natural de Santos Dumont, que, tendo ingressado para trabalhar na fábrica em 1941, aos 18 anos para ajudar o pai na manutenção da casa, construiu toda sua vida com o que ganhou da fábrica. Com o dinheiro, ajudou até na construção da Igreja Matriz, que fica bem perto de sua casa. “Ajudei com dinheiro e ainda ajudei trabalhando na obra”, disse. Na FEEA ajudei meu pai, namorei, casei e sou muito feliz por ainda estar viva aos 91 anos. Só tenho o que agradecer a Deus”, concluiu (IMBEL 80 anos. 2014 p.26).

Sebastião José da Silva, 91 anos, bombeiro hidráulico, cujo primeiro e único emprego em Juiz de Fora foi na FEEA, onde gostava muito de trabalhar, relembra os bailes da ABCR (Associação Benficense Cultural e Recreativa), “Tenho muita saudades daqueles tempos”, diz Sebastião. Era uma época em que as pessoas eram todas amigas e o bairro, uma grande família. E a FEEA, como é chamada a IMBEL-FJF, era a maior empregadora. Ao seu redor, cresceu Benfica. Em torno dela nasceram lojas, comércio... “Muita gente vinha de fora para vender coisas no bairro” e assim, a região se desenvolveu (IMBEL 80 anos. 2014 p.19).

Na visão de Junqueira (2013, p.109) entre as recordações da fábrica, a mais recorrente entre os antigos moradores é uma “tragédia”, a explosão de 7 de março de 1944, que matou 14 pessoas, majoritariamente mulheres. Por esse motivo, dentro da fábrica, foi construído um marco e, anualmente, o acidente é lembrado para “fazer memória aqueles que deram a vida” ao funcionamento da fábrica, comenta o Cel. Ribeiro, e também “alertar para as condições de segurança”, evitando outras ocorrências. A mudança nos cuidados com a prevenção de acidentes foi percebida por Filinto, que prefere não dar detalhes do motivo do estouro. “Não devo falar não porque é meio ‘comprometedor’, o Exército, né? [risos]”.

Nos dias atuais, a IMBEL-FJF, segundo dados da revista (IMBEL 80 anos.2014 p.13), conta com uma área de 2.200.612 metros quadrados, e, alega visar à implantação de uma cultura de qualidade de vida e valorização dos colaboradores da empresa e por meio de suas Associações e Grêmios Esportivos, também busca o apoio a projetos de incentivo à cultura e ao esporte junto às comunidades locais. A IMBEL também alega que na área cultural, está trabalhando no projeto de elaboração de um “Centro Cultural e Memória IMBEL”, que se trata de um centro dinâmico, onde se pretende ter uma linha do tempo contando toda a história da IMBEL, desde a sua formação (Id..p.17).

Após oitenta anos, a FEEA ainda é parte do imaginário popular. A antiga fábrica, multifuncional, tornou-se em parte, capaz de mudar a forma de pensar o espaço e a vida do trabalhador e da sociedade do bairro Benfica, cuja identidade, foi construída ao longo da história a partir da experiência cotidiana, como as vivenciadas através da indústria bélica na região e sua relação com a geração de emprego para a população, que passou de um modelo de vida rural para um modelo de vida urbano, industrial e comercial.

Assim, é perceptível como a memória da fábrica se relaciona com a memória do bairro, a partir da relação pessoal dos sujeitos com seu próprio passado, com sua história.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz a história e a cultura de um bairro local, visando despertar o interesse da comunidade acadêmica para o tema da memória. A temática ainda é pouco privilegiada e necessita ser mais evidenciada pela comunidade científica. Em se tratando de um tema atual, que dá espaço para o estudo de uma comunidade, pertencente a uma zona um tanto quanto afastada do hipercentro de Juiz de Fora, pretendo trazer contribuições e olhares acadêmicos, para o espaço cultural, histórico, político e social do tema. Trata-se de um trabalho inicial, contudo, passível de possíveis desdobramentos para a área do Turismo, em que pretendo seguir. Durante a elaboração do mesmo, obtive dificuldades em encontrar questionamentos sobre a FEEA, uma vez que as fontes ressaltam muitos pontos positivos, de forma homogênea sobre o tema e por isso me questiono se seria a IMBEL, um espaço digno apenas de elogios. Senti também uma enorme dificuldade em me adentrar mais especificamente no processo de formação da identidade “benfiquense”, em se tratando de um conceito abstrato e ainda com poucos estudos. Me esforcei bastante em atingir o objetivo de trazer à tona as memórias do bairro Benfica, correlacionando com a história da formação do bairro, uma vez que me deparei com uma grande escassez de fontes que dialogassem sobre o tema.

REFERÊNCIAS

80 ANOS IMBEL. Brasil: 2014. Revista Comemorativa.

BARBERO, J. M. 2003. Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, Denis de (org.) **Por uma outra comunicação.** Rio de Janeiro, Record.

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. **Lembranças das cidades, Identidade DO SUBÚRBIO:** Comunicação e cultura nas cidades do ABC Paulista. Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES. Disponível em: <<https://imaginariosantoandre.wordpress.com/2011/01/29/lembrancas-das-cidades-identidade-do-suburbio-comunicacao-e-cultura-nas-cidades-do-abc-paulistapor-goulartperazzo-e-lemos/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JUNQUEIRA, Aline da Rocha. **Benfica da gente:** Elos entre memórias do passado e memórias do futuro. 2013. 236 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em Comunicação e Cultura, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=14>. Acesso em: 16 set. 2016.

NORA, Pierre. “**Entre Memória e História: a problemática dos lugares**”, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, pp. 3-15.

SILVA, Régis Francisco Rafael. **BENFICA:** subúrbio ferroviário, industrial, militar e operário. 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/latur/files/2014/11/BENFICA-suburbio-ferroviario-industrial-militar-e-operario.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

VIANA, Claudius Gomes de Aragão. **Realengo e a Escola Militar:** um estudo sobre memória e patrimônio urbano. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.39-59, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62784/61949>>. Acesso em: 31 out. 2016.

Audiovisual

Benfica da gente: a história do bairro-cidade contada por seus moradores. Juiz de Fora: Funalfa, 2007 (Mini-DV, cor, 72', documentário).